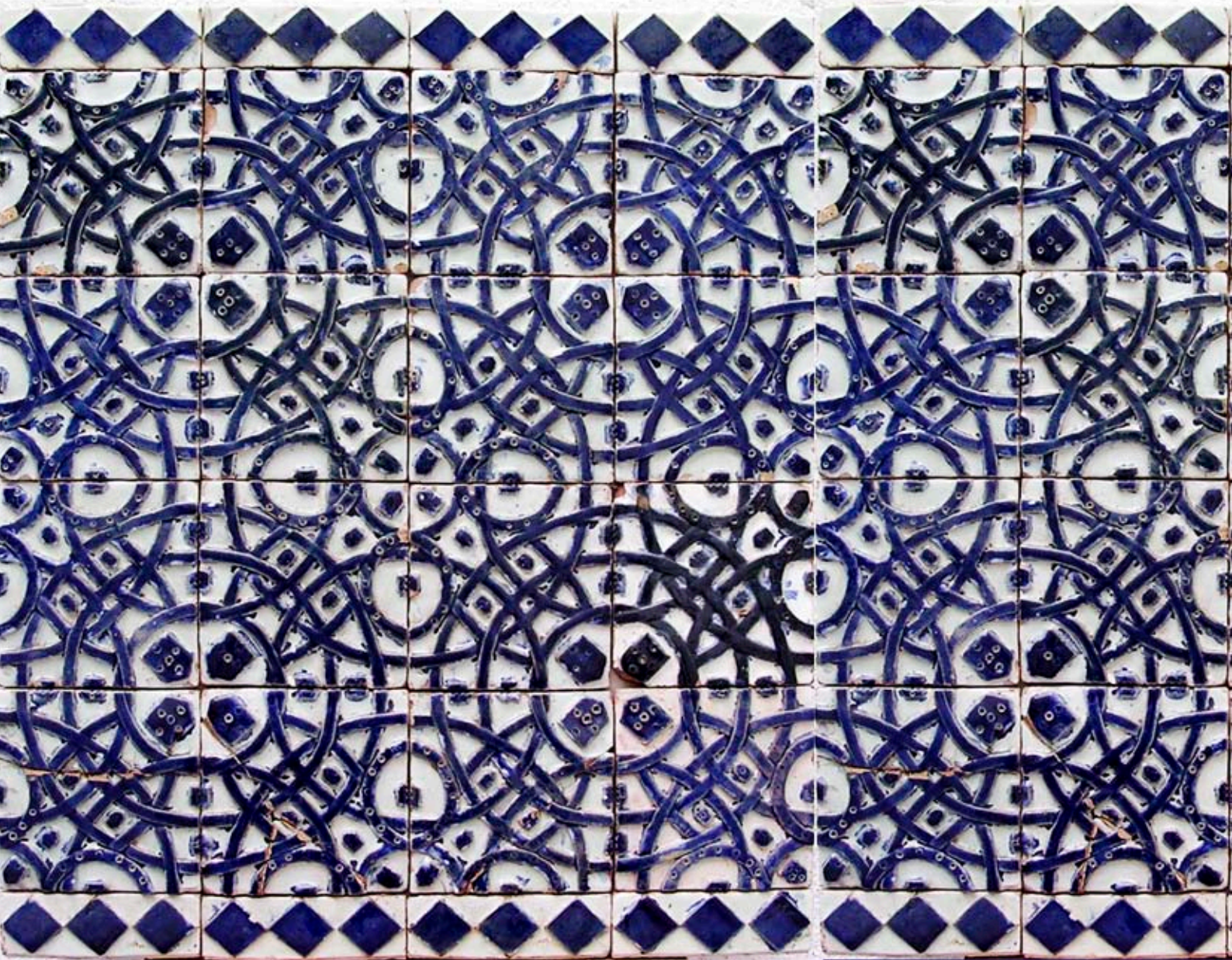


Os AZULEJOS DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Casa Roque Gameiro • Amadora • 23 abril | 21 agosto





FICHA TÉCNICA

Organização

DEDS/Divisão de Intervenção Cultural
Casa Roque Gameiro
Museu Bordalo Pinheiro

Coordenação

Ângela Rodrigues

Comissariado

José Meco

Colaboração

Cristina Gouveia
Eugénia Furtado
Vera Ferreira

Design Gráfico e Paginação eletrónica

GIRP / GDC / Paulo Caldeira

Fotografia

José Avelar / Câmara Municipal de Lisboa
Museu Bordalo Pinheiro / Câmara Municipal de Lisboa / José Meco
Casa Roque Gameiro / Câmara Municipal da Amadora”

Impressão e acabamento

Digiscript

abril 2016

Agradecimentos

Ao Professor José Meco, Comissário da exposição e ao Museu Bordalo Pinheiro, em especial ao Dr. João Alpuim Botelho e à Dr.ª Mariana Caldas, bem como à equipa técnica que colaborou nesta iniciativa.

ISBN

978-972-8284-81-7



AZULEJOS DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

CASA ROQUE GAMEIRO • AMADORA







Com esta exposição, exemplos da notável produção de azulejaria de Rafael Bordalo Pinheiro são apresentados na Casa Roque Gameiro, que além de lar de Alfredo Roque Gameiro e família, é também ainda o lar de trabalhos deste homem multifacetado, que continua a inspirar gerações.

A ligação artística e pessoal destes dois criadores oitocentistas é outra das mais-valias desta exposição, onde a par dos azulejos, os visitantes podem ainda apreciar placas, frisos, lambrilhas e outras peças que fizeram parte da vida e que engrandecem a obra do pai do Zé Povinho e de outras figuras populares.

Através da Fábrica de Faianças nas Caldas da Rainha, Bordalo Pinheiro produziu azulejos onde a originalidade e a qualidade dos vidrados fez escola e continua a ser a matriz do muito que se faz nesta área.

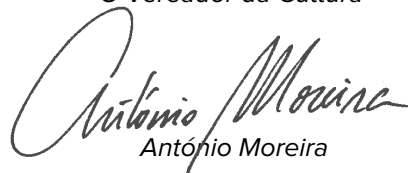
O inconformismo que sempre revelou e o extraordinário talento, foram as bases de uma vida dedicada a diferentes artes, sempre com qualidade e primor na sua utilização como um verdadeiro e complexo sistema de comunicação, destinado a todos, sem distinção.

A modernidade, bem como o apurado sentido crítico e satírico que sempre imprimiu nas suas obras, são outras características que lhe granjearam um lugar nobre nas artes nacionais.

Esta é uma excelente oportunidade para, num espaço como a Casa Roque Gameiro, construída em finais do séc. XIX – princípios do séc. XX, ver peças da mesma época.

Uma combinação perfeita para desfrutar plenamente, graças à parceria – que muito prezamos – com o MRBP/Museu Bordalo Pinheiro de Lisboa, que disponibilizou as peças para esta exposição. Ainda um agradecimento especial ao Comissário da exposição, Professor José Meco, que se dedicou incansavelmente, mais uma vez, a uma matéria em que é especialista: a azulejaria, protagonista desta mostra.

O Vereador da Cultura


António Moreira





Caldas da Rainha, Rua Heróis da Grande Guerra, 65, Pormenor da fachada (Foto José Meco, 1985)

BORDALO VISITA ROQUE GAMEIRO: UM REENCONTRO FELIZ



Em 1916 o poeta Ernesto da Cruz Magalhães quis homenagear Rafael Bordalo Pinheiro, por quem tinha uma enorme admiração, destinando três salas na sua nova moradia, no Campo Grande, em Lisboa (que em 1914 merecera uma Menção Honrosa nos prémios Valmor), para exposição pública da sua colecção de obras do mestre. Talvez na altura não se tivesse apercebido, mas nesse momento estava a abrir o primeiro museu português dedicado inteiramente à obra de um só artista.

A riqueza da colecção depressa obrigou a alargar o espaço expositivo a todo o primeiro piso e, coincidindo com a sua doação à Câmara Municipal de Lisboa, em 1924 todo o edifício foi ocupado pela obra Bordaliana.

Em 2016 comemoramos o primeiro centenário do Museu Bordalo Pinheiro, com a certeza que, ao longo destes cem anos, o Museu tem assumido um papel de investigação, estudo e divulgação da obra de Bordalo Pinheiro nos seus diversos aspectos, contextualizando-na na sua época e mostrando a sua actualidade, contribuindo para manter presente nos nossos dias a obra e o espírito crítico de Bordalo.

O ano do centenário é, curiosamente, também o ano em que a tutela do Museu passará a ser exercida pela EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural), passando assim a integrar uma rede

de equipamentos culturais da cidade de Lisboa e dando uma nova dimensão à sua actividade.

Rafael Bordalo Pinheiro viveu entre 1846 e 1905 e foi um dos mais talentosos e criativos artistas do final do século XIX, com uma obra que se distinguiu na cerâmica - com os trabalhos realizados na Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha - e na caricatura e no cartoon, sobretudo de teor político, que publicou nos jornais de que foi proprietário.

Em termos gráficos, a sua carreira artística começa em 1870 com a publicação de *O Calcanhar de Aquiles*, um álbum de caricaturas em que representou as mais importantes figuras da vida política e cultural portuguesa. Nesse mesmo ano surgem *A Berlinda* e *O Binóculo*, as primeiras publicações periódicas, que foram o principal meio onde o seu enorme talento se desenvolveu. Foi também num jornal, *A Lanterna Mágica* (1875), que surgiu a figura do Zé Povinho, em 12 de Junho de 1875, que depressa se tornou o ícone do povo português.

Depois de uma passagem de cinco anos pelo Brasil, a sua obra ganhou uma maior dimensão, com a publicação de *O António Maria* (1879-1885), a que se segue o *Pontos nos ii* (1885-1891) e, depois de uma segunda série de *O António Maria* (1891-98), *A Paródia*, desde 1900 até à sua morte em 1905.



A sua obra cerâmica desenvolve-se desde 1884, quando começa a laborar a fábrica que fundou com o irmão Feliciano.

A importância desta fábrica ultrapassa a dimensão artística, uma vez que é também uma declaração da crença no desenvolvimento industrial do país baseado na sua identidade e tradições. Segundo os estatutos, a fábrica iria “explorar a indústria cerâmica ornamental e de revestimento e louça, do tipo que se manufacturava nas Caldas, objectos da mais fina faiança estampados com gravuras originais para usos ordinários e louça ordinária para classes menos abastadas”.

Naturalmente que os azulejos integraram o catálogo de obras idealizadas por Bordalo e produzidas na Fábrica.

Não encontramos muitos vestígios da Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha colocados *in situ*. Em Lisboa temos a Panificação de Campo de Ourique, a Tabacaria Mónaco, no Rossio, a decoração interior da Quinta do Beau Séjour, em Benfica e o Palácio Mendonça. Nas Caldas da Rainha encontramos alguns edifícios, como a Estação de Caminhos de Ferro, a Escola Primária D. Manuel da Câmara, o Parque D. Carlos, ou alguns vestígios em casas particulares, com destaque para a que vemos na praça 5 de Outubro 47-49, toda forrada a azulejos e com os algerozes com andorinhas.

Não podemos deixar de juntar a este conjunto de raros edifícios embelezados pelo trabalho de Bordalo, a Casa de Roque Gameiro, na Amadora, um dos mais

interessantes exemplos com salas revestidas pelos seus magníficos azulejos, com destaque para os relevados de inspiração naturalista que decoram a sala de jantar.

Não é possível entender a obra sem conhecer o artista. É uma das facetas mais interessantes da personalidade de Bordalo é a dos afectos. Estes azulejos testemunham também uma história de amizade pessoal entre Bordalo e Roque Gameiro, porque, quando a casa foi construída, em 1898, já se conheciam há mais de vinte anos, desde a altura em que *O António Maria* era editado na litografia de Justino Guedes, irmão de Gameiro, onde este trabalhava.

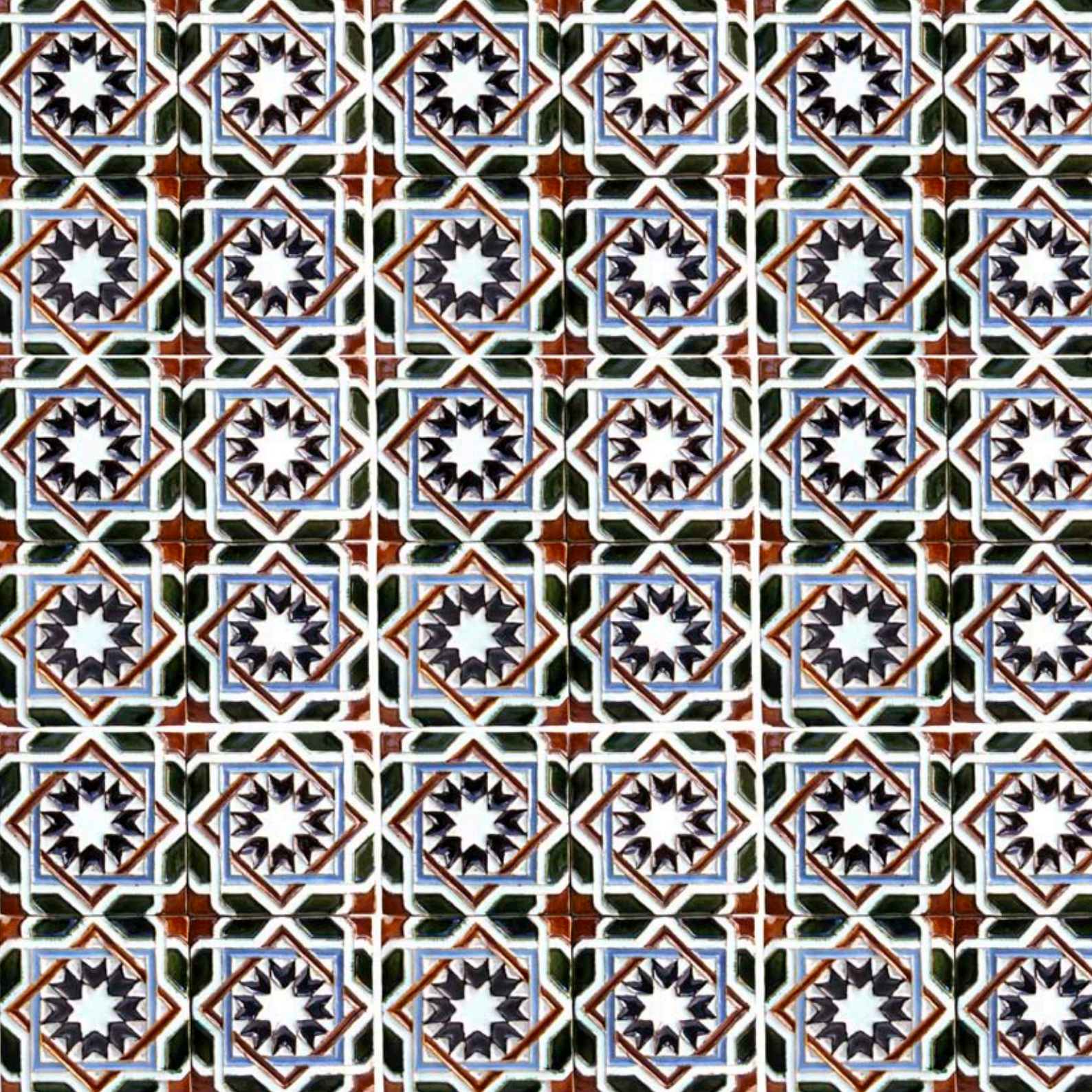
A amizade que os unia está também testemunhada num desenho publicado na edição de *A Paródia* de 10 de Fevereiro de 1905 que anuncia a morte de Bordalo, em que Gameiro representa o amigo a modelar uma jarra (ver fig. 5).

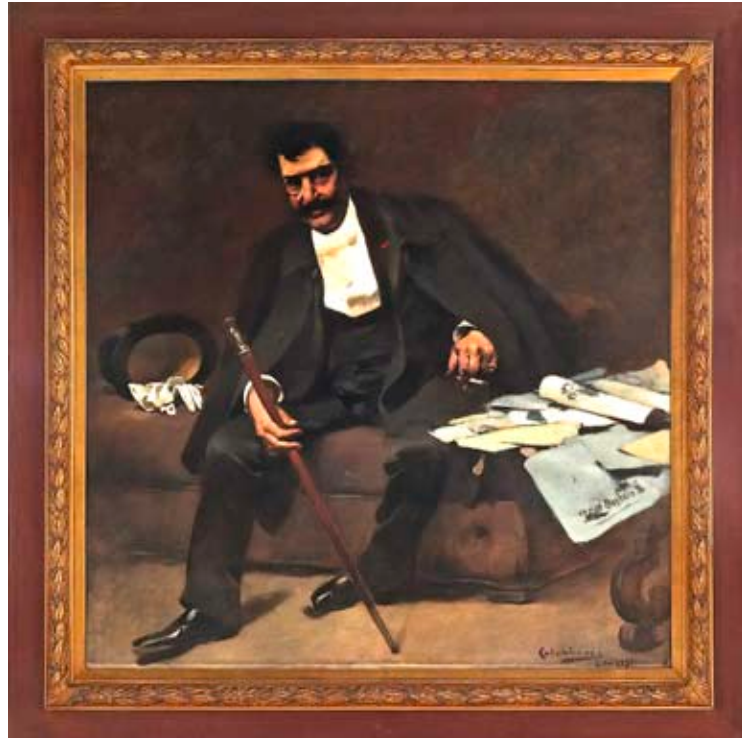
A exposição *Azulejos de Rafael Bordalo Pinheiro* com que a Casa Roque Gameiro recebe os azulejos do espólio do Museu Bordalo Pinheiro é particularmente feliz por proporcionar, pela mão de José Meco, um dos maiores especialistas portugueses em azulejaria, um reencontro destes dois amigos, num dos mais importantes espaços que Bordalo decorou.

João Alpuim Botelho

Coordenador do Museu Bordalo Pinheiro

Câmara Municipal de Lisboa





Columbano Bordalo Pinheiro, Retrato de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905).
Museu Bordalo Pinheiro

Os AZULEJOS DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO



Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) foi um dos artistas mais intervenientes e irreverentes do seu tempo, nomeadamente na sua dupla entrega à caricatura e à cerâmica, nas quais se consumiu, e que o mantiveram em contacto com a sociedade e os principais artistas da época.

Tem especial interesse, no contexto desta iniciativa, o seu relacionamento com o pintor Alfredo Roque Gameiro e esta sua casa da Venteira, já evocados na anterior exposição “Bordalo em Casa de Gameiro”, para a qual forneceu materiais de construção e os belíssimos azulejos da casa de Jantar. Esta circunstância favoreceu a realização desta exposição dedicada à azulejaria produzida por Bordalo na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, entre 1884 e 1905, a qual pôde contar com o magnífico acervo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, do qual foram selecionados todos os azulejos e algumas peças complementares utilizadas.

Rafael Bordalo Pinheiro nasceu numa família dedicada às artes, influenciada pelo seu pai, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, artista amador, na qual se destacou o seu irmão Columbano [Bordalo Pinheiro], um dos pintores a óleo mais conceituados do período, não podendo ignorar-se a sua irmã Maria Augusta, que teve um papel destacado na recuperação de arte decorativas e tradicionais, como a cerâmica, o vitral, os bordados e as rendas, nem o filho de Rafael, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, que continuou a obra do pai e manteve a produção cerâmica nas Caldas da Rainha

Apesar das aulas de desenho que Rafael frequentou na Academia de Belas-Artes, a sua formação artística, apoiada pelo pai, foi essencialmente autodidata, alimentada nos meios boémios e teatrais da capital, revelando desde cedo uma excepcional capacidade criativa e uma veia caricatural inesgotável que cedo o conduziram a múltiplas ilustrações para a imprensa da época, como os comentários políticos n’*A Berlinda* (1870) que o aproximaram de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, e à criação ou direcção de jornais e de publicações, como o álbum humorístico *O Calcanhar d’Achiles* (1869), *O Binóculo* (1870), a *Lanterna Mágica* (onde criou o “Zé Povinho”, em 1875), o semanário *António Maria* (1879, extinto em 1885 e renascido em 1891), o *Álbum das Glórias* (1880-92), os *Pontos nos ii* (1885) e *A Paródia* (1900), entre muitos outros que manteve até ao fim da vida.

Em Dezembro de 1879, o *António Maria* passou a ser publicado na Litografia de Justino Guedes, o mais destacado industrial litográfico da época, que se tornou destacado colaborador e o principal editor de Rafael Bordalo Pinheiro. Atestam esta relação um magnífico candeeiro cerâmico de tecto, criado para Justino Guedes e legendado “JUSTINO GUEDES BORDALLO PINHEIRO CALDAS DA RAINHA 1888”, que pertence ao Museu Bordalo Pinheiro, e o projecto de Rafael para um pavilhão de vendas deste editor, de 1890, cujo desenho aguarelado da frontaria, decorada de azulejos (Peça n.º 11) pertence ao mesmo Museu.



Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, exterior do Pavilhão de Vendas



Alfredo Roque Gameiro (1864-1935) era meio-irmão de Justino Guedes, e foi na litografia deste que se iniciou como aprendiz de litógrafo e, provavelmente, conheceu Bordalo Pinheiro, iniciando uma relação que revela diversas afinidades de gosto e de ideias, como a colaboração dos dois, em 1888, no *Album de Costumes Portugueses* (com Columbano e Malhoa, entre outros).

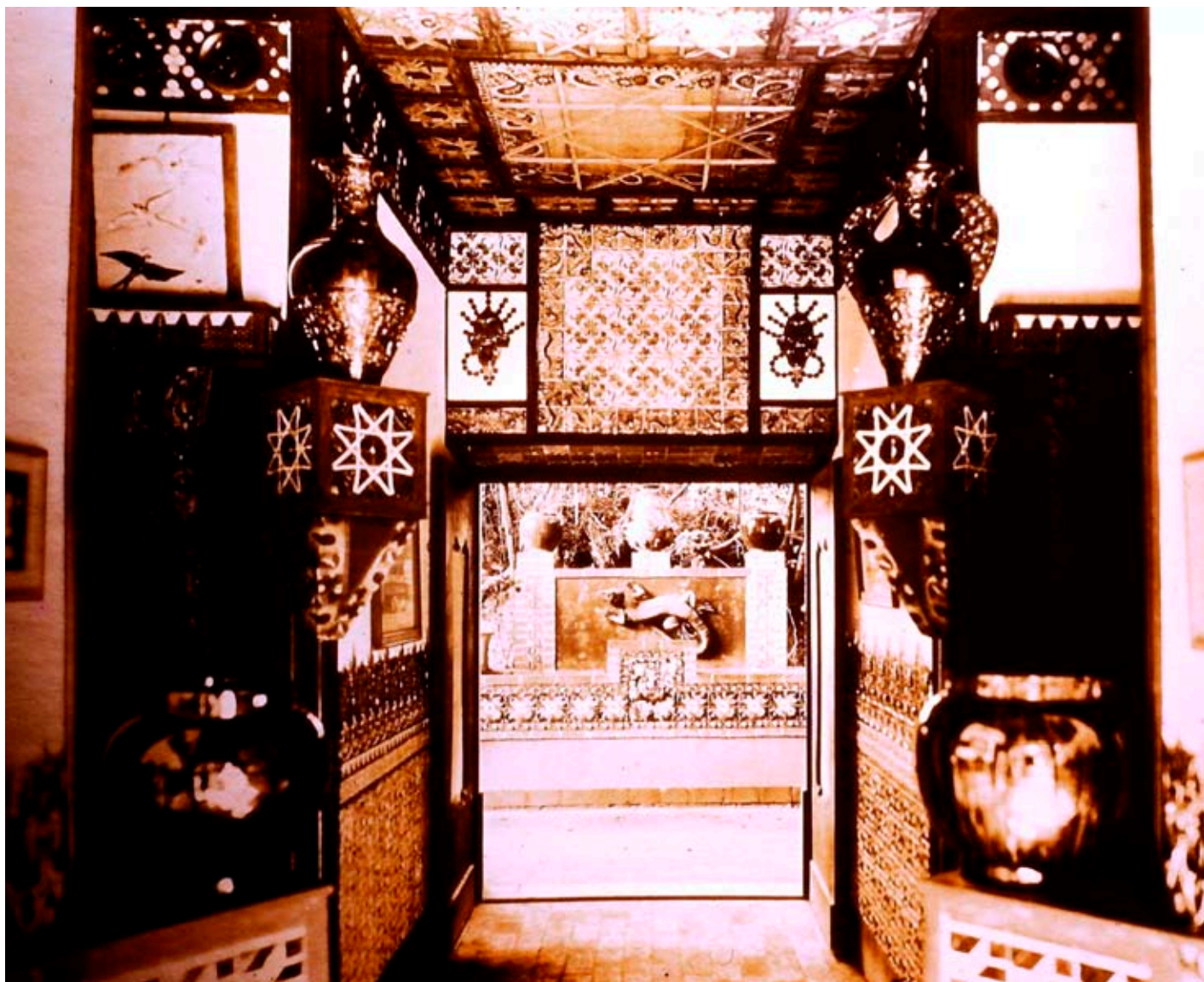
Deste relacionamento é sinal a Carta (Peça n.º 10) enviada a 9 de Fevereiro de 1889 por Roque Gameiro a Bordalo Pinheiro, em papel timbrado da “Oficina a Vapor Lithographica/Justino R. G. Guedes, Rua da Oliveira (ao Carmo), 12”. Na morte de Bordalo, Roque Gameiro desenhou “Na Fábrica” (Peça n.º 5), reproduzindo uma fotografia de Bordalo Pinheiro a realizar a Jarra Cunha Vaz, o qual foi publicado na revista *Paródia, Comédia Portuguesa*, n.º 107, de 10 de fevereiro de 1905, cuja capa reproduz o célebre desenho de Rafael, “Vinte annos depois” - Bordalo Pinheiro jovem a cumprimentar o Bordalo Pinheiro velho.

Tanto Bordalo como Gameiro participaram no movimento nacionalista que se desencadeou no final do século XIX, como reacção ao Ultimato Inglês de 1890, contribuindo para a recuperação de elementos tradicionais, como o azulejo, e a criação (ou recreação) da “Casa Portuguesa”. A casa de Roque Gameiro na Venteira é um bom exemplo destas tendências, construída em 1898 e ampliada em 1900 pelo então jovem arquitecto Raúl Lino, que se tornou o principal mentor deste movimento, juntamente com outras construções do período, como a casa “Minhota” do

Conde de Arnos, junto da Cidadela de Cascais, de 1894, onde uma das salas estava decorada de numerosas peças de Bordalo Pinheiro, pendentes da sanca em redor do tecto, ou o projecto original da casa do Visconde Sacavém, na Lapa, antes da colagem de fantasiosas decorações cerâmicas de gosto bordaliano às fachadas, durante a construção, cerca de 1900.

Encontra-se também neste processo o reflexo, em Portugal, do Movimento Artes & Crafts, que procurava conciliar nas artes tradicionais a produção industrial com a concepção artística, nomeadamente na recreação da cerâmica e da azulejaria, na qual tiveram papel decisivo Rafael Bordalo Pinheiro, Roque Gameiro, Raúl Lino, Maria Augusta Bordalo Pinheiro e, pouco depois, Costa Mota Sobrinho, que sucedeu como director artístico a Bordalo Pinheiro, na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. A azulejaria da casa de Roque Gameiro é igualmente um bom exemplo da diversidade de tendências artísticas deste período, desde os painéis exteriores Arte Nova, desenhados pelo próprio Roque Gameiro, às tendências simultaneamente revivalistas e modernistas das composições do interior e da fachada posterior, de Gameiro e Raúl Lino, até ao espectacular revestimento historicista da casa de jantar, criado por Bordalo Pinheiro e inspirado nas decorações mouriscas do Paço Real de Sintra.

Para além destes azulejos, a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha forneceu também materiais de construção para esta casa da Venteira, nomeadamente as telhas e telhões de toda a cobertura, que eram



Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, entrada do Pavilhão de Vendas

vidrados de verde, e alguns ornatos de remate, de barro moldado e vidrado, com laivos verdes, muitos dos quais chegaram em mau estado, conforme a carta de Roque Gameiro dirigida a Bordalo Pinheiro, a 6 de Junho de 1898 (Peça n.º 9). As telhas e telhões desapareceram nas várias remodelações do telhado, tendo apenas sobrevivido a “Esfera Armilar” (Peça n.º 7) que rematava o vértice do telhado da torre, e fragmentos de uma das “Pombinhas” (Peça n.º 8) dos ângulos do beiral da torre, há muitos anos recolhidos no terreno envolvente da casa pelo Arquitecto José Manuel Fernandes e oferecidos ao autor do presente texto, que os cedeu ao Museu Bordalo Pinheiro para a exposição “Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro” de 1985.

Todo este contexto histórico a Artístico ajuda a compreender a excepcional importância que a cerâmica atingiu na obra de Rafael Bordalo Pinheiro, e esta na da época, marcada por produções de gosto popular e pela azulejaria de “estampilha” das fachadas.

Em 1882, Maria Augusta Bordalo Pinheiro, que se tinha estreado como ceramista numa exposição da Sociedade Promotora, realizou várias experiências de cerâmica com o irmão Rafael, pintando várias peças a partir de desenhos fornecidos por este, nomeadamente um “Serviço *Tête-a-Tête*” e duas Placas, de 1883, uma representando a “Auto-caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro vestido de japonês, a brincar com um gato” (Peça n.º 2), e a outra a criação popular mais genuína de Rafael, “Zé Povinho fantasiado de chinês, a atirar a albarda ao ar” (Peça n.º 3).

No ano de 1883, um irmão de ambos, Feliciano Bordalo Pinheiro, após uma estadia nas termas das Caldas da Rainha, apercebeu-se da importância da produção cerâmica local e decidiu criar uma fábrica de louça, pensando na colaboração de Rafael. Criada oficialmente a “Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha”, com estatutos aprovados em 30 de Junho de 1884, Feliciano assumiu o cargo de Administrador e Rafael o de Director Artístico, tendo Justino Guedes sido um dos primeiros accionistas. Já desde Abril deste ano, Rafael começou a fazer experiências de moldagem e de vidrados, na fábrica caldense de Gomes de Avelar, antes de começar a produção na sua própria fábrica, em Setembro de 1884, de materiais de construção (usados em alguns dos edifícios da própria fábrica), e só a partir de Junho de 1885 iniciou a produção de cerâmica artística, que rapidamente alcançou excepcional êxito numa primeira exposição em 1886, nas salas do Comércio de Portugal, em Lisboa, forçando Rafael a repartir-se entre Lisboa e as Caldas e a desdobrar-se entre as caricaturas e a cerâmica.

Absorvendo todas as tendências da produção caldense, em especial das obras de ceramista Manuel Cipriano Gomes “Maфра”, marcadas pelo ascendente dos modelos de Bernard Pallissy, Bordalo acrescentou-lhes uma erudição superior e maior apuramento artístico, com criatividade e fantasia extraordinárias, muito alimentadas na sua obra de ilustrador e caricaturista, com uma ousadia ao nível das formas e dos materiais que só eram possíveis a um autodidacta, sem receio de tudo experimentar. A produção imensa, que durou até



Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, interior do Pavilhão de Vendas



ao seu falecimento em 1905, foi continuamente elogiada por contemporâneos como Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida ou José Queirós.

A vasta produção de azulejos da fábrica, na maior parte seriada, não tem a diversidade criativa nem a ousadia das peças ornamentais, mas apresenta uma originalidade, força decorativa, intensidade cromática e por vezes excepcional beleza, que lhe garante uma posição destacada dentro da azulejaria da época e levaram o historiador Joaquim de Vasconcelos a considerá-la o aspecto mais importante da obra de Rafael Bordalo Pinheiro.

São escassos na obra de Bordalo os azulejos pintados a azul de cobalto sobre esmalte estanífero tradicional, ou faiança. Algumas placas soltas, de pasta industrial, podem ter servido de ensaio pictórico (Peça n.º 18, n.º 19 e n.º 20), e um azulejo com “Caricaturas da Velha Maria” (Peça n.º 17) como experiência de faiança.

A melhor criação deste tipo encontra-se na tabacaria A Mónaco, no Rossio, em Lisboa, realizada durante a remodelação concebida pelo arquitecto Rosendo Carvalheira, entre 1893 e 1894, compreendendo o enquadramento da porta frontal, da posterior (Rua 1º de Dezembro) e os painéis do interior. Os magníficos desenhos de rãs, sapos e groux reflectem a vertente mais caricatural e irónica de Rafael, culminando no painel que representa o primeiro proprietário, Júlio César Vieira da Cruz, o qual intitulou “Glória ... ao Cruz nas alturas”.

O Museu Bordalo Pinheiro possui um conjunto notável de estudos e de cartões desenhados em papel vegetal e picotados destes painéis, já apresentados na exposição “Tabacaria Mónaco”, do Museu Bordalo pinheiro, dos quais foram escolhidos dois cartões da porta frontal (Peça n.º 15 e n.º 16) e dois fragmentos de painéis da porta posterior (Catalogo n.º 13 e n.º 14) que mostram a mestria de Rafael na pintura a azul de cobalto, realçada pelo amarelo dos enquadramentos.

Do mesmo tipo são dois desenhos quadriculados de Rafael Bordalo Pinheiro, aguarelados a azul, assinados por extenso e um datado “Lisboa 1885”, no acervo do Museu de Belas-Artes do Rio de Janeiro, representando duas cenas com um gato e ratos, intitulados “Um acordo” e “Rompimento”. Quando Ramalho Ortigão visitou a fábrica das Caldas, em 1891, referiu “um lindo painel, em azul e branco, não vidrado ainda e representando uma cena do drama *D. Afonso VI*, de D. João da Câmara”, de localização actual desconhecida.

Os azulejos mais característicos de Rafael são os relevados, na maior parte moldados em série, evidenciando forte parentesco com a sua restante produção cerâmica e apresentando essencialmente vidrados de óxido de chumbo intensamente coloridos, em especial os verdes intensos e os negros metalizados e com reflexos irisados que servem de fundo às decorações, e cujo efeito decorativo é avassalador, na maior parte da produção de azulejos, Rafael utilizou o barro moldado em placas quadradas com cerca de 13 centímetros de lado, mas em casos mais raros utilizou



Lisboa, Tabacaria Mónaco, Rossio (Foto José Meco, 1984)

placas de dimensões e formatos distintos. Realizou com frequência azulejos de enquadramento, na dimensão quadrada vulgar, como a cercadura usada no padrão “Granada” (Peça n.º 35), ou a de “Enguias” (Peça n.º 24), ou com metade dessa dimensão, formando tarjas, como a de “Gregas e óvulos” (Peça n.º 39), ou a decorada apenas com pequenos quadrados azuis colocados em diagonal, como no padrão “Alcobaça” (Peça n.º 29).

Outras tarjas foram concebidas para serem usadas com padrões de decoração afim, como as de “Cabeças de Gato” (Peça n.º 26) ou as de “Rãs e Nenúfares” (Peça n.º 45).

Rafael utilizou por vezes composições cerâmicas derivadas de azulejos, como as placas quadradas com a dimensão de quatro azulejos, nas quais reproduziu padrões, como o “Árabe” (Peça n.º 28), o de “Cabeças de Gato” e o de “Nenúfares” (exemplares do Museu de cerâmica das Caldas da Rainha), e organizou algumas composições mais elaboradas através de grandes placas relevadas de formato quadrado, como a magnífica decoração do fogão de sala da casa Lambertini, na Avenida da Liberdade, em Lisboa (Peça n.º 12). Por outro lado, muitas das peças decorativas de Bordalo (peças decorativas, talhas, ânforas, vasos de jardim, floreiras, até por vezes abas de pratos), reproduzem na decoração azulejos ou usam motivos da azulejaria, numa original fusão de ornatos. A combinação livre de modelos distintos de azulejos foi igualmente frequente em revestimentos arquitetónicos, como a variedade de padrões que decoraram a fachada de uma garagem na Rua de Ponta Delgada, em Lisboa, hoje delapidada, ou a

composição livre de peças cerâmicas da Fonte da casa de jantar do Palacete Beau-Séjour, em Benfica (Gabinete de Estudos Olissiponenses), associada ao padrão e ao friso de “Nenúfares e Rãs”, o último integrado igualmente nos móveis.

A aglomeração mais variada e delirante de elementos escultóricos, peças de louça e azulejos variados de Rafael encontrava-se no torreão central do Pavilhão de Vendas da Fábrica das Caldas, com cobertura de telhas vidradas de verde, e no jardim defronte, descritos por Ramalho Ortigão, os quais, após o fecho da Fábrica em 1912, foram deixados criminosamente ao abandono e progressivamente delapidados até aos anos 1970, quando os últimos restos foram arrasados. Igual destino tiveram outros conjuntos, em fachadas, entradas de prédios e lojas, como um restaurante de Benfica cujos azulejos Arte Nova foram mandados arrancar em 1998 pelos Serviços Sanitários da Câmara Municipal de Lisboa. A própria Panificadora Moderna, de Campo de Ourique, perdeu em várias remodelações parte da sua azulejaria bordaliana, em especial o friso de gafanhotos e espigas que decorava o balcão Arte Nova, destruído há décadas.

Outros conjuntos estão mais protegidos e conservam-se mais íntegros, para além do Beau-Séjour e da Casa Roque Gameiro, no Palacete Valença, na Lapa, Lisboa, na Clínica de Carnaxide, no Palacete O’Neil, em Cascais (actual Museu Condes de Castro Guimarães), no Palácio da Pena e no Palacete Biester, em Sintra, em várias fachadas das Caldas da Rainha e no Instituto



Lisboa, Tabacaria Mónaco, Paineis do interior (Foto 1957)

de Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, entre outros, para além dos exemplares existentes no Museu Bordalo Pinheiro, no Museu Nacional do Azulejo, no Museu de Cerâmica e na Fábrica Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, e na Colecção Berardo.

A azulejaria relevada e vidrada da Fábrica de Faianças pode dividir-se em três tendências decorativas principais, a naturalista, a historicista/revivalista, que foram produzidas durante toda a permanência de Bordalo à frente da Fábrica, e a Arte Nova, já na fase final do artista.

Os exemplares naturalistas são os que mais se aproximam da louça decorada com características caldenses. A peça mais individual e notável desta tendência é o “Canto Decorativo” delimitado por canas e preenchido por vides, parras e um cacho de uvas (Peça n.º 22), do qual existe outro exemplar na Colecção Berardo. Estes cantos eram usados no revestimento de paredes, com a parte central preenchida por padrões de decoração afim. Integram-se no mesmo gosto alguns azulejos soltos, de pendurar, com frutos e elementos vegetais (Peça n.º 21), caranguejos, algas e outros motivos.

Entre os diversos padrões naturalistas destaca-se o dos “Nabos” (Peça n.º 23), usado na Casa Roque Gameiro e numa fachada no centro de Santarém, cuja composição naturalista de cabeças de nabo, com as respectivas folhagem e flores, engenhosamente estilizada, parece uma metamorfose dos revestimentos mudéjares do Paço Real de Sintra. São igualmente representativos o padrão

de “Caranguejos, mexilhões e anchovas”, com cercadura de “Enguias, conchas e algas” (Peça n.º 24), e o das “Cabeças de gato sobre folhas de couve”, com coleiras e guizos a formarem o centro e os cantos da composição (Peça n.º 25), este com friso próprio (Peça n.º 26).

Este motivo das cabeças de gato aparece associado a flores azuis, na barra de remate da fachada da Rua Heróis da Grande Guerra, n.º 65, nas Caldas da Rainha.

Os azulejos de pendor historicista procuraram recriar sugestões ou formas do passado, mas segundo desenhos originais de Bordalo. O padrão “Árabe” (Peça n.º 27), segundo a designação nos catálogos da época, destaca-se pela originalidade da sua composição e as cores vibrantes dos vidrados. Completamente oposto, mas igualmente notável, é o padrão “Alcobaça” (Peça n.º 29), com laçarias curvas e escudetes relevados, pintados a azul sobre fundo branco, no qual Bordalo recria a decoração do tampo de um túmulo medieval do Panteão Real, no Mosteiro de Alcobaça.

A recriação ecléctica de diversos estilos do passado, como o Renascimento, o Barroco e o Rococó, amplamente reflectida nas cerâmicas ornamentais, encontrou escassa aceitação na azulejaria, inspirando uma barra neo-renascentista que remata a fachada do edifício da Rua Luís de Camões, n.º 57, nas Caldas da Rainha (antiga Associação Comercial), estando representada na interessante “Placa com decoração renascentista” (Peça n.º 30) que pertenceu a uma composição hoje desmembrada.





Lisboa, Garagem da Rua de Ponta Delgada (Foto José Meco, 1980)

As artes Islâmica e Mudéjar, pelo contrário, foram a principal fonte de inspiração de grande parte da azulejaria de Bordalo Pinheiro, certamente fascinado pelas decorações da Andaluzia (Alhambra, Alcazar de Sevilha) e pelos revestimentos de azulejaria do Paço Real de Sintra, da Sé Velha de Coimbra e da Quinta da bacalhoa, em Azeitão, de origem ou ascendente sevilhano, como as Esferas Armilares que D. Manuel I encomendou para o Paço de Sintra e Bordalo reproduziu (Peça n.º 31), ou as belíssimas composições relevadas e recortadas deste palácio, que inspiraram a Bordalo o remate da sala de jantar da Casa Roque Gameiro, formando uma grelha gótica onde os motivos mais eruditos de Sintra são substituídos por girassóis, cachos de uvas e maçarocas de milho.

Encontra-se exposta uma “Placa recortada” do mesmo modelo (Peça n.º 32), com variante cromática.

Vários Padrões mouriscos de Bordalo inspiraram-se na azulejaria sevilhana de “corda-seca” do final do século XV, com desenhos geométricos, como o “Árabe-Estrela” (Peça n.º 33) ou o “Nossa Senhora do Pópulo” (Peça n.º 34), inspirado nos azulejos dos frontais de dois altares desta igreja das Caldas da Rainha.

O padrão “Granada” reproduz um conhecido modelo sevilhano de laçarias em corda-seca, para o qual Bordalo criou uma cercadura idêntica (Peça n.º 35). Este padrão foi usado no exterior do último andar da Torre do Pavilhão de Vendas da Fábrica das Caldas e na fachada da Garagem da Rua de Ponta Delgada, em

Lisboa, delapidados, conservando-se na fachada da Rua Heróis da Grande Guerra, n.º 65, nas Caldas da Rainha, numa das dependências da Clínica de Carnaxide e nas varandas do Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro.

Outros padrões designados por Bordalo como “Renascença” são, na realidade, reproduções de padrões com ornatos renascentistas, realizados segundo a técnica da “aresta” em Sevilha, no início do século XVI, como o de “Florões” (Peça n.º 36), que reveste parte da fachada da Rua Heróis da Grande Guerra, n.º 65, nas Caldas da Rainha, já referido, ou os que formam “Coroas de folhagem”, circulares (Peça n.º 37), usados em barras no remate de um edifício na Rua José Malhoa, nas Caldas da Rainha, ou coroas contracurvadas (Peça n.º 38), o qual forma silhares no exterior da Estação da CP, nesta cidade. Têm a mesma inspiração um “Padrão vegetalista” (Peça n.º 40) e o friso de “Gregas e óvulos” (Peça n.º 39).

O padrão designado por “Toledo” (Peça n.º 40), pelo contrário, é uma original recriação de Bordalo a partir de um raro modelo de aresta de Toledo, da primeira metade do século XVI, a qual foi usada nas paredes do pátio da Casa O’Neil - Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, e numa dependência da Clínica de Carnaxide, onde apresenta uma cercadura de remate de composição idêntica. Já o padrão “Bacalhoa” (Peça n.º 42), inspira-se no do belíssimo e raro revestimento de azulejos de aresta das duas lóginas da Casa do Tanque da Quinta da Bacalhoa, do segundo quartel do século XVI, ao qual Bordalo deu uma estilização que o





Lisboa, Panificadora Moderna de Campo de Ourique, interior
(foto de Estúdio Mário Novais, anos 1970)

aproxima da Arte Nova. Este vistoso padrão foi usado num dos fogões de sala do Palacete Biester, em Sintra, em dois nichos da capela-mor do Santuário da Nazaré e no revestimento da fachada do prédio na Praça 5 de Outubro, n.º 48, nas Caldas da Rainha.

A Arte Nova, que o padrão “Bacalhoa” anuncia, e com a qual Rafael se familiarizou, em especial a partir da Exposição Universal de Paris de 1900, individualiza algumas das criações da fase final do artista e encontrou uma das expressões mais originais na sua azulejaria, como o pequeno “Painel” modelado representando “Rãs num charco, com plantas aquáticas e ramos floridos (Peça n.º 43).

Na maior parte, os azulejos Arte Nova são seriados e revelam um *design* altamente criativo e elaborado, reforçado pela intensidade e excepcional beleza dos vidrados de chumbo, que podem ser considerados como uma das manifestações mais originais de toda a azulejaria portuguesa. A “Dupla cercadura com rãs e nenúfares” (Peça n.º 44) deveria ser formada por dois azulejos distintos e alternados (como se vê pelos caules truncados das flores), dos quais só este módulo é conhecido, aparecendo com a mesma disposição numa das floreiras do jardim do Palacete do Visconde de Sacavém (Museu de Cerâmica), nas Caldas da Rainha.

O padrão de “Nenúfares e rãs” tem duas versões, uma com o fundo castanho escuro e a outra com fundo negro metalizado, a mais bela, que se encontra exposta (Peça n.º 45). Este padrão destaca-se pelo seu desenho

magnífico, com a flor do nenúfar a formar o centro, da qual irradiam quatro folhas, com uma rã pousada em cada, completado por plantas aquáticas e pequenas rãs nos cantos. Igualmente belíssimo é o friso de remate, com motivos idênticos, incluindo cantos raríssimos que integram um painel da Coleção Berardo, com azulejos provenientes do restaurante de Benfica já referido.

Este padrão decora, com o friso de remate, a casa de jantar do Beau-Séjour, em Lisboa, e envolve um fogão de sala do Palacete Biester, em Sintra, tendo integrado a delapidada frontaria da Garagem da Rua de Ponta Delgada, em Lisboa.

Os dois exemplares Arte Nova restantes são geralmente montados como padrões mas destinavam-se a formar frisos isolados, usados em lojas. A barra de “Gafanhotos e espigas” (Peça n.º 46), a ser usada em fiadas horizontais, é uma das criações mais originais de Bordalo Pinheiro, no seu desenho peculiar, no relevo ligeiro e nas cores, em especial o verde claro do fundo. Uma fileira destes azulejos rematava o balcão entalhado Arte Nova da Panificadora Moderna de Campo de Ourique, o qual foi lamentavelmente destruído há várias décadas. O friso idêntico mas com algumas variantes no desenho das espigas, igualmente muito cuidado na composição, poderia destinar-se a enquadrar motivos distintos.

Dentro do mesmo gosto e igualmente belíssimas, são as placas de dimensão superior com “Duas borboletas a ladearem uma espiga central” (Peça n.º 47), datadas



Azulejos de padrão Arte Nova (iguais aos usados na Panificadora Moderna de Campo de Ourique), Museu Nacional do Azulejo.



de 1905, que se destinavam a formar frisos verticais, como os que se conservam aplicados no interior da Panificadora Moderna de Campo de Ourique, associadas a um original padrão centrado por uma borboleta e flores, sobre fundo encanastrado, do qual existe um conjunto no Museu Nacional do Azulejo, estando os revestimentos arqueados das paredes rematados nos cantos por composições cerâmicas Arte Nova, com papoilas e outras flores, igualmente belíssimas mas já incompletas.

Outros azulejos de Bordalo pinheiro não se integram nas tendências referidas, como um exemplar centrado por uma “Torre” (Peça n.º 48), emblema dos Marqueses de Jácome Correia, usado a revestir o muro envolvente do jardim do Palácio desta família, em Ponta Delgada (actual sede do Governo regional dos Açores), o azulejo solto com fragmento de “Pauta musical” (Peça n.º 49), ou os vários tipos de letras, em azulejos de diversas dimensões (Peça n.º 50 e n.º 51), com o relevo vidrado em geral a amarelo, e raras vezes a vermelho, sobre fundo verde, usados em legendas e nomes de lojas, como a NOVA PADARIA TABOENSE, na Praça da República, nas Caldas da Rainha.

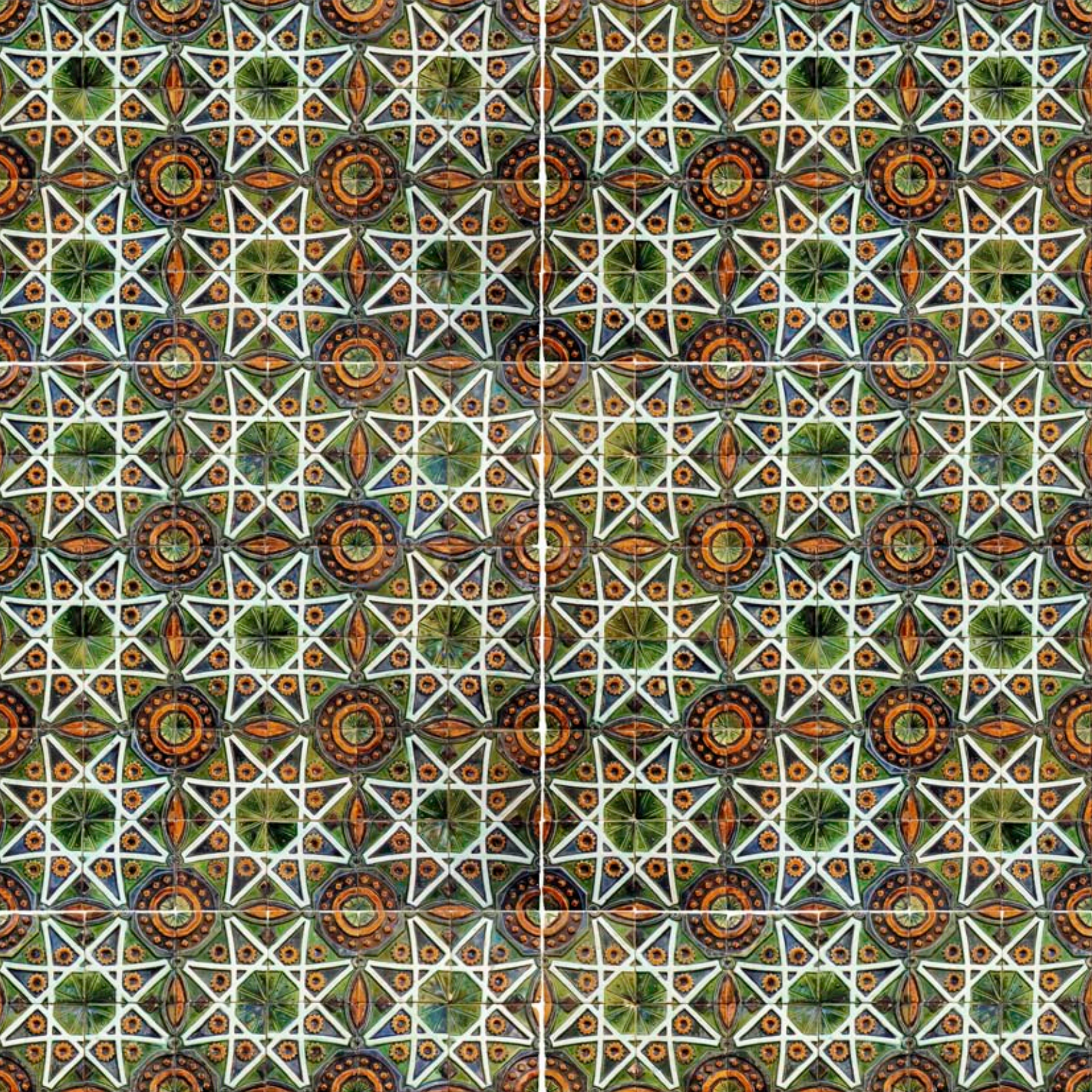
Originais, na sua simplicidade, são as placas relevadas de pasta de “pó de pedra” e vidrado amarelo claro, a imitar “Palha entrançada” (Peça n.º 52) e os azulejos de barro vermelho e vidrado acastanhado que reproduzem “Junça” (Peça n.º 53), os quais eram rematados por “Canas” moldadas (Peça n.º 54). Estas peças faziam parte do revestimento da parte inferior do Pavilhão de

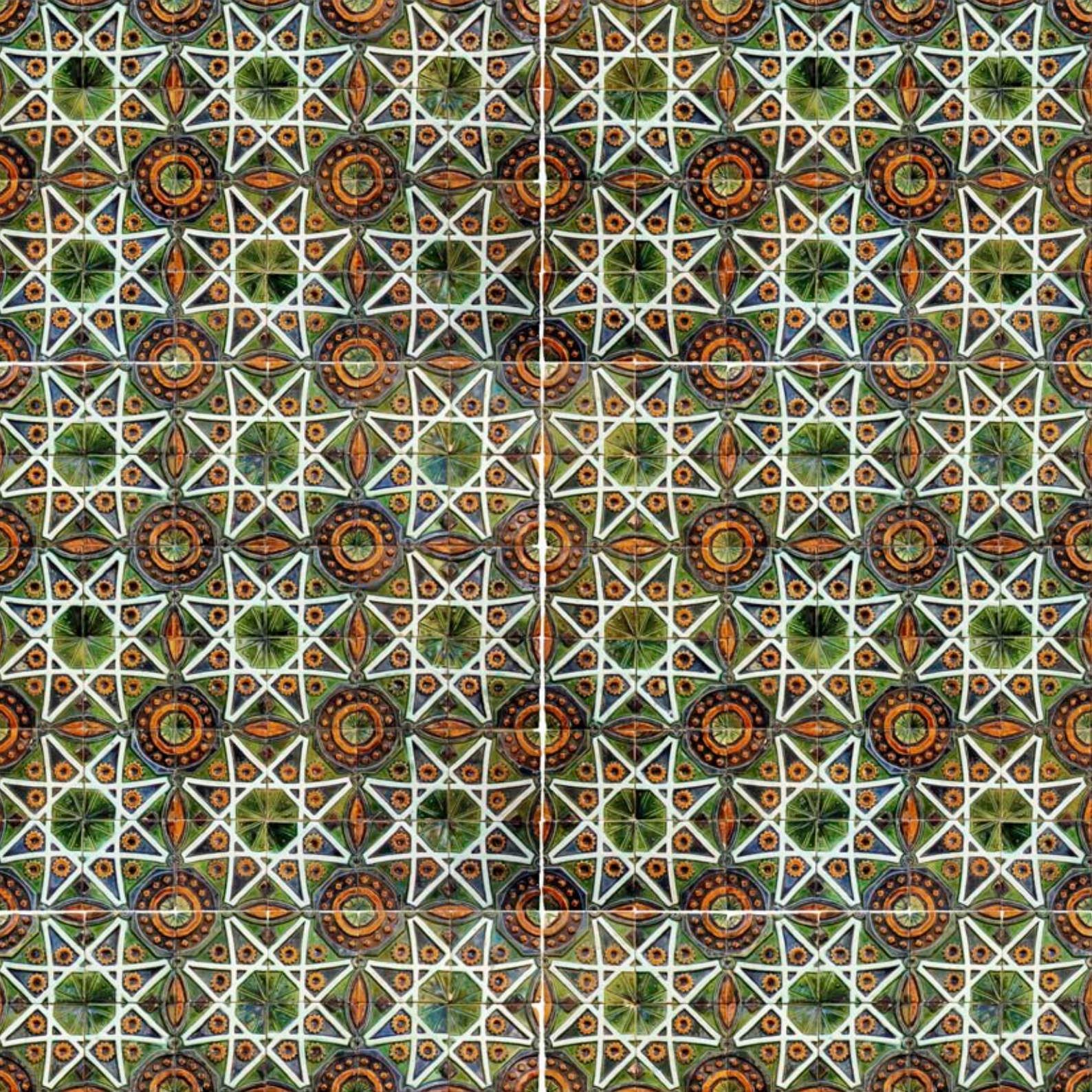
Vendas e de alguns bancos e estruturas decorativas do jardim da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, em cujos escombros foram recolhidas em 1973. Azulejos de “junça” e “canas” de remate revestem a frontaria da Taberna “A Camponesa”, na Rua do Rosário, n.º 3, nas Caldas da Rainha.

Na sua quase totalidade, os azulejos da Fábrica de Faianças eram realizados através de prensagem manual nos moldes e, no tardo (Peça n.º 55), eram estriados com pente e marcados com carimbos da fábrica, geralmente “FFCALDAS” ou “FBCALDAS”, com as iniciais entrelaçadas. Algumas criações mais destacadas apresentam as iniciais de Rafael Bordalo Pinheiro em relevo na face das placas, como as de “Gafanhotos e espigas” e as de “Borboletas e espiga”.

Outros exemplares antigos, não marcados no tardo e de realização mais grosseira, poderão ser mais tardios mas feitos a partir dos moldes originais, que Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro conseguiu recuperar da fábrica inicial e transferiu para a nova fábrica que criou, a São Rafael, actualmente Fábrica Bordalo Pinheiro, onde alguns desses moldes continuam a ser utilizados em peças novas, as quais, devido à proibição vigente de utilização dos vidrados de chumbo, tóxicos, perderam o colorido vibrante que era uma das marcas mais inconfundíveis das cerâmicas de Rafael Bordalo Pinheiro.







BIBLIOGRAFIA:

- CRAVO, João, MECO, José, *A Azulejaria da Casa Roque Gameiro*, Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 1997.
- FRANÇA, José-Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro, O Português Tal e Qual*, Lisboa, Bertrand, 1982.
- GOUVEIA, Margarida, SILVA, Joaquim António, *Paredes de Louça, Azulejos de Fachada das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, Património Histórico, 1993.
- HORTA, Cristina Ramos e, *Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Caleidoscópio, 2006.
- MECO, José, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.
- MECO, José, “Azulejos e cerâmica na região Caldas da Rainha/Óbidos”, *Linha do Oeste, Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes* (Coord. Benedita PESTANA), Lisboa, Assírio e Alvim, 1998.
- MOITA, Irisalva, “Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro no Palácio Galveias”, *Lisboa, Revista Municipal*, n.º 14 (2ª série), 4º Trimestre 1985.
- ORTIGÃO, Ramalho, *A Fábrica das Caldas da Rainha*, Caldas da Rainha, 1957 (artigo extraído da correspondência do autor para a *Gazeta de Notícias*, Porto, 1891).
- QUEIRÓS, José, *Cerâmica Portuguesa e Outros Estudos*, Lisboa, Editorial Presença, 1989.
- TAVARES, Santos, “Em casa de Roque Gameiro”, *Ilustração Portuguesa*, n.º 172, Lisboa, 7 de Junho de 1909.

CATÁLOGOS:

- *Azulejos de Lisboa*, Exposição do Museu da Cidade na Estufa Fria, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1984.
- *Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro*, Exposição do Museu da Cidade no Palácio Galveias, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1985.
- *O Universo de Rafael Bordalo Pinheiro, da Caricatura à Cerâmica*, Exposição do Museu do Douro/Colecção Berardo, ed. Museu do Douro, 2009.
- *Bordalo em Casa de Gameiro*, Exposição na Casa Roque Gameiro, Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 1998.
- *Tabacaria Mónaco*, Exposição do Museu Bordalo Pinheiro, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2007.



PEÇAS DA EXPOSIÇÃO



1. Fotografia de Rafael Bordalo Pinheiro

2. Placa com “Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro vestido de Japonês, a brincar com um gato” (1883).

Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, pintada por Maria Augusta Bordalo Pinheiro.

Placa cerâmica com esmalte branco, pintura policroma.

Marcas: Assinada com o monograma “RBP” e as iniciais “MA”.

Dims: 100x41 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0905.

3. Placa com “Caricatura de Zé Povinho, vestido de chinês, a libertar-se da albarda” (1883)

Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, pintada por Maria Augusta Bordalo Pinheiro.

Placa cerâmica com esmalte branco, pintura policroma.

Marcas: Assinada com o monograma “RBP” e as iniciais “MA”.

Dims: 100x41 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0367.



4



5

4. Jarra em forma de canudo, com “Auto-retrato de Rafael Bordalo Pinheiro”

Faiança coberta de esmalte estanífero, pintado a azul de cobalto.

Marcas: “ENSAIO DE VIDRO cobalto CALDAS”, monograma “RBP”, “1895, DEZEMBRO” e marca da Fábrica de Faianças com dois FF cruzados, pintadas a azul no fundo.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER. 0468.

5. “Na Fábrica, Rafael Bordalo Pinheiro e jarra Cunha Vasco”

Desenho de Roque Gameiro, publicado na *Paródia, Comédia Portuguesa*, n.º 107, de 10 de Fevereiro de 1905.



6



7

6. Sala da Lareira, Casa Roque Gameiro.

Fotografia publicada na *Ilustração Portuguesa*, nº 172, de 7 de junho de 1909.

7. Esfera Armilar do telhado da torre da Casa Roque Gameiro.

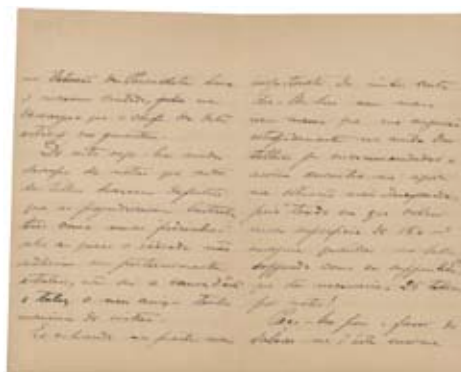
Barro vermelho moldado e vidrado.

Dims: 57x44cm

Casa Roque Gameiro, nº inv. 0202-CRG



8



9

8. Pombinha do telhado da torre da Casa Roque Gameiro – fragmento.

Barro vermelho moldado e vidrado.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças e data "1898" gravados na pasta.

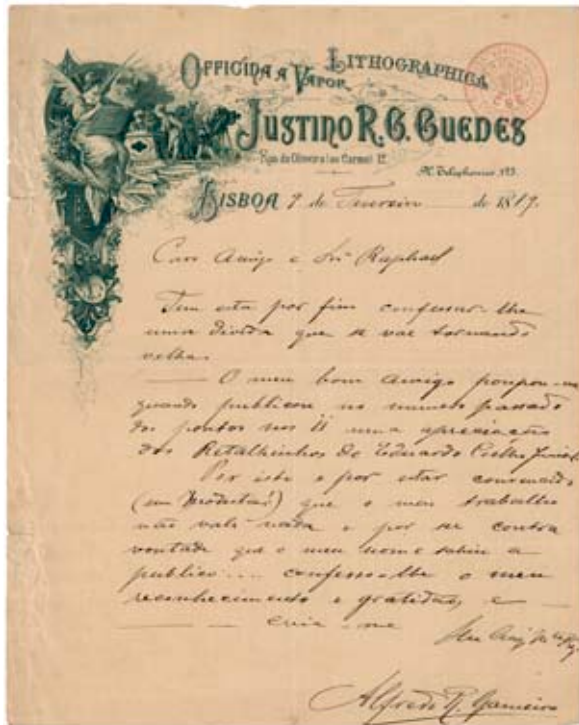
Dims: 25,1x42,8 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0338.

9. Carta de Roque Gameiro para Rafael Bordalo Pinheiro, dat. 06-09-1898.

Dims: 17,9x11,1 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.ESP.DOC.0468.



10

11

10. Carta de Roque Gameiro para Rafael Bordalo Pinheiro, em papel timbrado de Justino Guedes, dat. 09-02-1889.

Dims: 27x 21,5 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.ESP.DOC.0468.

11. Projecto para a frontaria de um Pavilhão do Editor Justino Guedes.

Aguarela sobre papel.

Assinada "Rafael Bordalo Pinheiro" e datada "Lisboa, Agosto de 1890".

Dims: 24,1x45 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.PIN.0041.



12

12. Composição Ornamental Renascentista, do fogão de sala da casa do compositor Michel'Angelo Lambertini (Av. da Liberdade, Lisboa)

3 placas de barro relevado, com vidrado policromo sobre fundo castanho.
Marcas: Assinada com monograma "RBP" e "CALDAS 1903", gravados na pasta.
Composição de 32x110 cm.
Museu Bordalo Pinheiro,
N.º Inventário: MRBP.CER.0152.



13



14

13. Painel de azulejos “*Rã a fumar rapé e Cegonha*” (fragmento), da porta posterior da Tabacaria Mónaco, em Lisboa

Barro coberto de esmalte estanífero, pintado a azul de cobalto e a amarelo de antimónio.

Marcas: Assinado com o monograma “RBP” e dat. “1893”, pintados.

Composição de 4x2 az.; Dims: 54x26 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0017.

14. Painel de azulejos “*Duas Rãs a fumar*” (fragmento), da porta posterior da Tabacaria Mónaco, em Lisboa

Barro coberto de esmalte estanífero, pintado a azul de cobalto e a amarelo de antimónio.

Marcas: Assinado com o monograma “RBP” e dat. “1893”, pintados.

Composição de 4x2 az.; Dims: 54x26 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0018.



15



16

15. Cartão para o painel da porta principal da Tabacaria Mónaco, “Rã a fungar rapé e Cegonha”.

Desenho a carvão e a pastel, sobre papel picotado.

Dims: 102x27,4 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.DES.1878.

16. Cartão para o painel “Duas Rãs a fumar”.

Desenho a carvão e a pastel, sobre papel picotado

Dims: 102x27,4 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.DES.1879.



17



18



19



20

17. Placa cerâmica com “Apontamentos Caricaturais”

Pasta de “pó de pedra”, pintada a azul de cobalto e vidrada.

Marcas: “C. da Rainha, Fornada de Agosto de 1903” e assinatura “Rafael Bordalo Pinheiro”, pintadas na frente da placa.

Dims: 15,9x19,7 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0928.

18. Placa cerâmica com “Ramo florido e borboleta”

Pasta de “pó de pedra”, pintada a azul de cobalto e vidrada.

Marcas: “24 / 15 / FABRICA FAIANÇAS / 6 Agosto 1890”, pintado a azul no tardo.

Dims: 24,2x15,9 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0926.

19. Placa cerâmica com “Fruto, gafanhoto e borboleta”

Pasta de “pó de pedra”, pintada a azul de cobalto e vidrada.

Marcas: Monograma “RBP”, pintado na frente, e “6 Agosto 1890 / F.F. CALDAS / 24x15” e monograma “RBP”, pintados a azul no tardo.

Dims: 24,4x16 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0925.

20. Azulejo solto com “Três representações da Velha Maria e Rã”, pintado.

Barro coberto de esmalte estanífero, pintado a azul de cobalto

Dims: 13,4x13,4 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0031.



21



22



23

21. Azulejo para suspensão, com “Parras e Cacho de Uvas”.

Barro moldado com vidrado policromado.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças e data “1899” gravados no tardo.

Dim: 13,2x13,2 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.CER.0745.

22. “Canto Ornamental” de azulejos, com canas, parras e cacho de uvas, enquadrados por canas.

Barro relevados, com vidrado policromo sobre fundo Branco.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças e data “1890” gravados no tardo.

Composição de 4x4 az. ; Dims: 52x52 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0016.

23. Azulejos de padrão “Nabos”.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo negro.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardo.

Composição de 6x4 az.; Dims: 79x53,3 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0015.



24



25



26



27

24. Azulejos de padrão “Caranguejos” com cercadura de “Enguias”.
Barro moldado com vidrado policromo (sobre fundo branco no padrão).
Composição de 3x2 az.; Dims:39,5x26 cm.

Museu Bordalo Pinheiro,
N.º Inventário: MRBP.AZU.0003 e MRBP.AZU.0004

25. Azulejos de padrão “Cabeças de Gato”.
Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.
Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardoz.
Composição de 4x4 az.; Dims:52x52 cm.
Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0011.

26. azulejo de friso “Cabeça de Gato”.
Chacota de barro não vidrada.
Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardoz.
Dims: 6,6x13 cm.
Museu Bordalo Pinheiro,
N.º Inventário: MRBP.AZU.0012.

27. Azulejos de padrão “Árabe”.
Barro moldado com vidrado policromo e laçarias brancas.
Composição de 8x6 az.; Dims: 101,3x85 cm.
Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0037.



28



30



29



31

28. Placa “Árabe”.

Barro moldado, com vidrado policromo e laçarias brancas.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças e data “1899” gravados no tardo.

Dims: 27,6x27,6 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0038.

29. Azulejos de padrão de laçarias e escudetes, “Alcobaça”, com 2 frisos de “quadrados” em diagonal.

Barro moldado, vidrado a negro sobre fundo branco (padrão) e a azul sobre fundo branco (frisos).

Composição de 6x4 az.; Dims: 65x56 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0048 e AZU.0049.

30. Placa com fragmento de “Composição Renascentista”.

Barro moldado com vidrado policromo.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardo.

Dims: 19x19 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0069.

31. Dois azulejos com “Esfera Armilar”.

Barro moldado com arestas relevadas e vidrado policromo sobre fundo branco.

Dims: 12,8x12,8 cm. (cada).

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0066.



32



33



34



35

32. Azulejo de remate, recortado.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.

Dims: 20x13,5 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0067.

33. Azulejos de padrão mudéjar "Árabe Estrela".

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.

Composição de 2x2 az.; Dims: 28x28 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0040.

34. Azulejos de padrão mudéjar "Nossa Senhora do Pópulo".

Barro moldado com vidrado policromo.

Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardo.

Composição de 4x4 az.; Dims: 53,2x53,2 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0050.

35. Azulejos de padrão mudéjar "Granada", com cercadura.

Barro moldado com vidrado policromo e laçarias brancas.

Composição de 5x6 az.; Dims: 69,5x84 cm.

Museu Bordalo Pinheiro,

N.º Inventário: MRBP.AZU.0042 e MRBP.AZU.0047.



36



38



37



39

36. Azulejos de padrão “Renascentista”.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.
 Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardo.
 Composição de 2x2 az.: Dims: 26,6x26,6 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0059.

37. Azulejos de padrão “Renascentista”, com coroa circular.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.
 Composição de 4x4 az.: Dims: 52x52 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0072.

38. Azulejos de padrão “Renascentista”, com coroa contracurvadas.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.
 Composição de 3x4 az.: Dims: 42,9x57,2 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0070.

39. 4 Azulejos de friso com “Gregas e óvulos”.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.
 Dims: 6x13,5 cm. (cada)
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0074.



40



42



41



43

40. Azulejos de padrão vegetalista “Toledo”.

Barro moldado com vidrado policromo e laçarias brancas.
 Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardo.
 Composição de 2x2 az.; Dims: 27,2x27,2 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0053.

41. Azulejos de padrão “Vegetalista”.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo branco.
 Composição de 2x2 az.; Dims: 27,2x27,2 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0062.

42. Azulejos de padrão “Bacalhoa”.

Barro moldado com vidrado policromo.
 6x8 az., 82,2x106,9 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0075.

43. Paineis de azulejos Arte Nova.

Barro moldado com vidrado policromo.
 Marcas: Monograma “RBP” gravado na frente
 Composição de 4x3 az.; Dims: 53x40 cm.
 Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0010.



44



45

44. Dupla cercadura de azulejos de “Rãs e Nenúfares” Arte Nova.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo negro.
Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardo.
Composição de 2x5 az.; Dims: 26x65 cm.
Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0009.

**45. Azulejos de padrão de “Nenúfares e Rãs” Arte Nova,
com friso idêntico.**

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo negro metalizado.
Composição de 5x4 az.; Dims: 60,5x53,5.
Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0006
e MRBP.AZU.0008.



46



47

**46. Barras de azulejos de “Gafanhotos e espigas” Arte Nova,
com dois frisos idênticos.**

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo verde claro.
Marcas: Assinados com o monograma “RBP” moldado na frente;
alguns azulejos têm a data “1905” gravada no tardo.

Composição de 6x2 az.; Dims: 63x25 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0013
e MRBP.AZU.0014.

47. Placas com “Borboletas e Espiga” Arte Nova.

Barro moldado com vidrado policromo sobre fundo castanho.
Marcas: Assinados com o monograma “RBP” moldado na frente;
Carimbo da Fábrica de Faianças e data “1905” gravados no tardo.

Composição de 8x2 placas; Dims: 152x38 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0005.



48



50



49



51

48. Azulejo com “Torre” (emblema dos Marquesses de Jácome Correia).

Barro moldado com vidrado branco sobre fundo castanho.
Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardoz.
Dims: 12,3x12,3 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0068.

49. Azulejo com fragmento de “Pauta musical”.

Barro moldado, vidrado a manganés sobre fundo esmaltado branco.
Dims: 12,3x13 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0001.

50. Um azulejo com letra relevada “A”

Barro moldado, vidrado a amarelo sobre fundo verde.
Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardoz.
Dims: 10x10 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0076.

51. Um azulejo com letra relevada “I”

Azulejo de barro relevado, vidrado a amarelo sobre fundo verde.
Marcas: Carimbo da Fábrica de Faianças gravado no tardoz.
Dims: 10x10 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0097



52



55



53



55

52. Placas a imitar “palha entrançada”.

Placas de cerâmica branca relevadas, com vidrado monocromo cor de palha.

Dims: 12,4x18 cm (cada).

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0035.

53. Azulejo a imitar “Junça”

Azulejos de barro vermelho moldado, com vidrado monocromo alaranjado.

Dims: 14,3x14,3 cm. (cada)

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0034.

54. “Remate de cana”

Peça de barro moldado e vidrado.

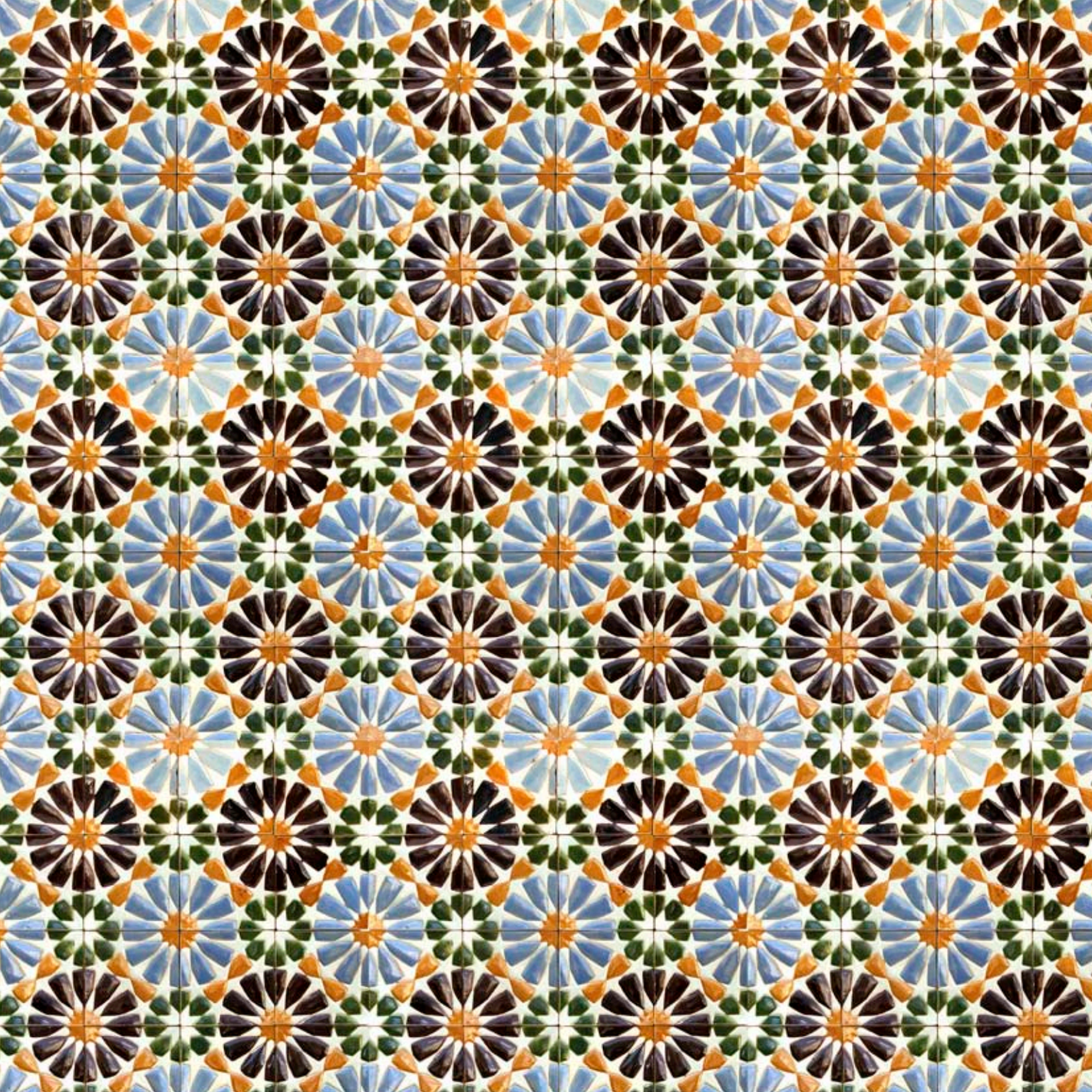
Dims: 23x3 cm.

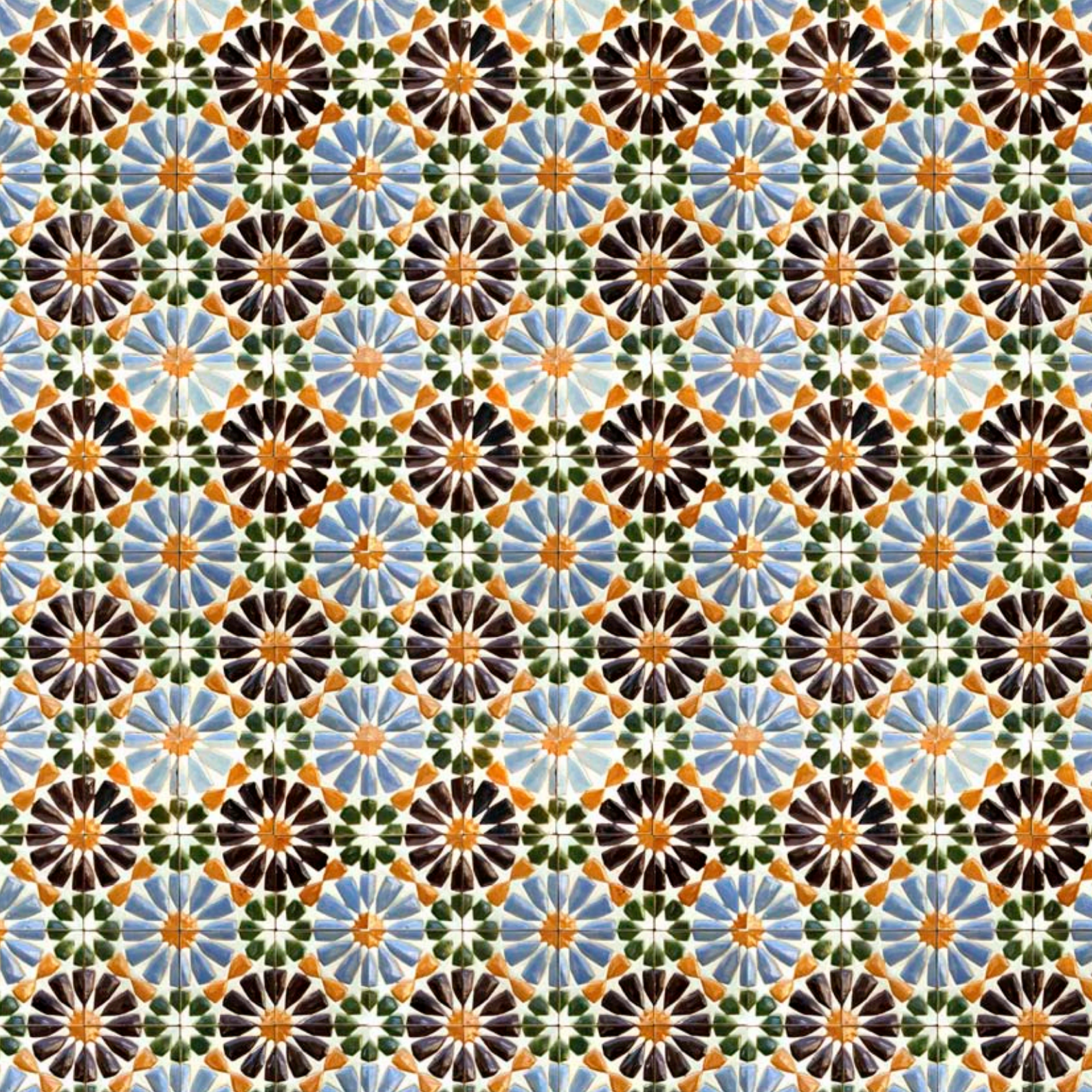
Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0033.

55. Um azulejo - tardoz, com Carimbo gravado da Fábrica de Faianças Artísticas das Caldas da Rainha.

Dims: 14,2x14,2 cm.

Museu Bordalo Pinheiro, N.º Inventário: MRBP.AZU.0043





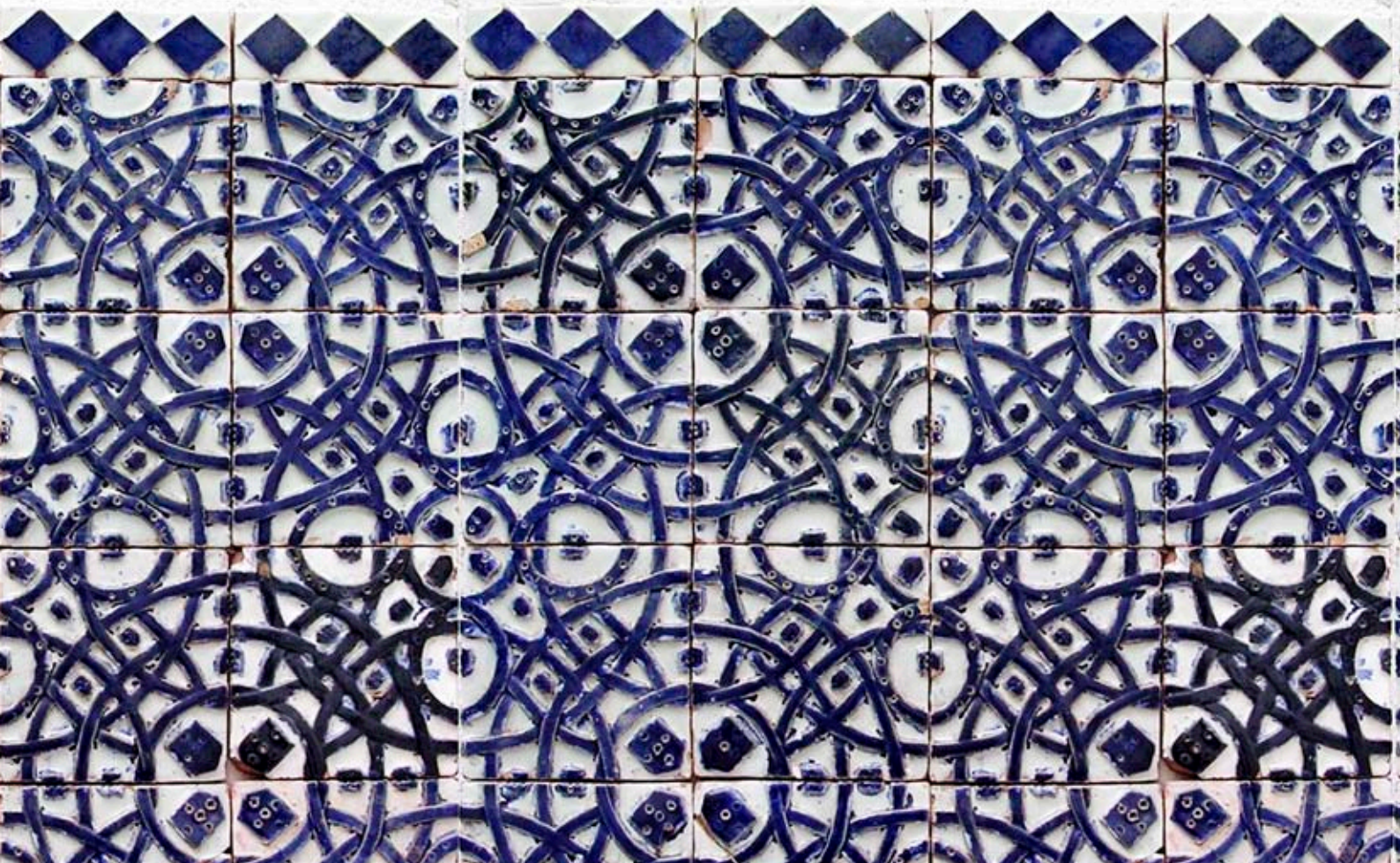
Casa Roque Gameiro, Praceta 1.º de Dezembro, n.º 2 – Venteira, 2700-668 Amadora

ENTRADA GRATUITA

terça a sábado: 10h00-12h30 e das 14h00h-17h30, domingo: 14h30-17h30h - Encerra segundas e feriados

Telf.: 21 436 90 58 - Fax.: 21 492 92 39

www.cm-amadora.pt



museu bordalo pinheiro

